CMP 1.2.2.118

Amadeu Amaral
A Cultura Popular e a Linguagem Caipira

Conferencia proferida por FRANCISCO MARINS na Academia Paulista de Letras em homenagem ao centenário de "O Estado de S.Paulo".

Em página modelar com que traçou, com as marcas da saudade, porém, muito mais de admiração e do respeito pela figura humana e dotes do intelectual Amadeu Amaral, Altino Arantes, que lhe sucedeu na cadeira 33, da Academia Paulista de Letras, "que ele fundou e imortalizou", havia de destacar, para quantos, como nós, tantos anos volvidos, tentássemos aprofundar-nos no conhecimento daquele espírito de multifária atividade intelectual, os aspectos de uma obra ampla, densa, madura e diversificada por vários caminhos de cultura. E, tendo-o também sucedido mais tarde na Presidência desta Academia, almejava, com calor, por ocasião de inaugurar-se a herma de Amadeu Amaral, em Capivari, que, na perenidade do bronze em que estava vazada, como testemunho vivo e eloquente a recordar as gerações porvindouras, "se eternizasse a inteligência e a bondade, a energia e o caráter, a atividade e o esplendor desse Homem de escol que, no livro, na tribuna e na imprensa, traçou páginas luminosas de literatura, de moral e de patriotismo".

Infelizmente, a memória e a admiração pelos grandes homens muitas vezes se perdem dentro do espaço de tempo da sua própria geração e embora, muitas vezes, a qualidade do material em que se lhe talhem as figuras conserve para o futuro a lembrança da imagem humana, o conhecimento de uma obra espiritual, os ensinamentos, a beleza do estilo, a profundidade literária, dependerão quase sempre de fatores independentes dos méritos e das características marcantes de sua produção. É que, no caso de escritores, de poetas, de oradores, de jornalistas, a glória futura — ou mais que a glória — o conhecimento direto de suas características estão sujeitos à sua objetivação material, do aparecimento dos escritos sob a forma de livros, das reimpressões e reedições, da multiplicação das melhores páginas nas revistas, coleções de autores, antologias, seletas, suplementos literários ou de esforço das instituições culturais em projetar-se-lhes a memória através dos atuais meios de comunicação, para que elas permaneçam coevas das novas gerações, a influenciar outros espíritos no suceder dos anos. Difícil e incerta, pois, a continuidade do triunfo e da mensagem para o futuro, para a maioria dos escritores. Que fieira enorme dentre estes, dentre os jornalistas, poetas, oradores, cronistas, poderíamos arrolar, hoje, entre homens que, ainda num passado bem recente, influíram a sua época, com obra viva e apreciada e, mal decorridos alguns lustros, já caem no esquecimento, ignorados dos seus quase contemporâneos!

Muito, certamente, contribui para isso, no caso dos jornalistas e oradores, a não reunião de seus escritos sob a forma de livros. Sabemos que, ilustres mestres desta arte, entre nós, teimaram em não se deixar encadernar, combateram a idéia de se verem aprisionados em volumes que conteríam páginas importantes para o conhecimento da sua época e, algumas, talvez, imortais pelo estilo. Num outro extremo, também contribui, dizia, mesmo em relação aos livros, o pouco apreço de nosso povo para com estes valores e com os valores do espírito, o escasso número de bibliotecas no país, sejam públicas, escolares, sejam particulares e falta do hábito de leitura, na raiz de todos estes problemas, que não estimulam um intenso movimento editorial, capaz de preservar, vivas e atuantes, obras fundamentais da nossa cultura, destinadas, dentro em breve, ao completo olvido, ao desconhecimento das atuais gerações e à morte inexorável, pois tímidos são os incentivos materiais para permitirem edições, reimpressões e divulgação em escala comercial. Seria isto o fatal peneiramento do tempo, o crivo crítico a eliminar o que não resiste. Ou condições adversas ao maturamento e à floração de novos frutos, das velhas árvores que se engalharam e se multiplicaram em ramos, com raízes fundamente fincadas na terra, de onde hauriram seiva forte e generosa?

Já se disse que assistimos no mundo a uma explosão populacional incontrolável e, simultaneamente, a uma explosão de informação, apontada esta em todas as direções. Segundo pesquisas, cada pessoa envolvida no ambiente cultural enfrenta, nos dias que correm, uma carga sobrehumana de informações: as culturais, as científicas, as técnicas, as do dia-a-dia. Somente as primeiras duplicam em cada período de oito anos. E, a cada dia, ocorrem os esforços, em múltiplas direções, para ampliar-se o conhecimento. A ciência da informação domina o mundo, através dos mais complexos, sofisticados e imaginários instrumentos de comunicação. E o homem, tem capacidade para digerir e armazenar essa carga de tão inumeráveis quão complexos ensinamentos?

Para vencer essa multiplicidade sufocadora, surgem, certamente, reações defensivas. O ensino se torna casuístico, lacônico, extremamente técnico e concentrado nas disciplinas que leva à juventude. Os exames de avaliação de conhecimentos, às portas das Universidades resumem-se às perguntas lacônicas, cujas respostas se expressam em cruzinhas e sinais que são mais adivinhas e charadas que provas de conhecimentos. Felizmente volta-se a exigir dos educandos exames de redação, forma mais objetiva de se levar o aluno a expressar-se pela palavra escrita, evitando-se os quase mudos, os tartamudos ou aqueles que, pela lei do mínimo esforço, vão engolindo as palavras, comunicam-se por mímicas e dão respostas cada vez mais apocopadas e sintéticas, e, afinal, se revelam incapazes de escrever poucas linhas sobre qualquer assunto.

Interessante pesquisa ou constatação sobre hábito de leitura no mundo causa índices preocupantes. Um deles, publicado recentemente no Boletim da "International Publishers Association" refere-se a dados da Alemanha Ocidental, entre 1967 e 1974:

"A maior parte da população está lendo menos hoje (1973/4) do que há 6 anos atrás (1967/8). A TV provocou a diminuição da leitura de livros e apenas em poucos casos, 2%, tornou-se um estímulo. É interessante notar que a população jovem é menos influenciada pela TV do que a de meia idade. Considerando que, em toda a Alemanha Ocidental, a população destina 31 horas por semana para os diversos tipos de comunicação audio-visual (TV, rádio, leitura, gravadores, vitrolas, etc.), apenas 9 das 31 horas são destinadas à leitura de livros!

> *"Já se disse que assistimos no mundo a uma explosão populacional incontrolável, e simultaneamente, a uma explosão de informação, apontada esta em todas as direções. Segundo pesquisas, cada pessoa envolvida no ambiente cultural enfrenta, nos dias que correm, uma carga sobre-humana de informações: as culturais, as científicas, as técnicas, as do dia-a dia."*

Entre 1967 e 73, o tempo destinado à leitura de livros de ficção diminuiu 11 min. enquanto que a leitura dos de não ficção, aumentou 3 min."

Muito característica da minúcia do espírito germânico esta estatística ainda se nos afigura favorável pelos minutos obrigatórios dedicados cada vez menos à leitura, e, ainda quando num confronto com a de outros povos e, especialmente, o nosso.

A Poesia

Amadeu Amaral, que faleceu em 24 de outubro de 1929, aos 54 anos incompletos, dez anos depois, quando ainda não se haviam desencadeado entre nós as consequências do enorme surto dos meios de comunicação modernos (cinema, rádio, televisão), na opinião de um de seus biógrafos, já parecia uma figura a se apagar da lembrança cultural, esquecida ou mal estudada. O poeta festejado, o jornalista atuante, o orador ativo, o novelista, o homem de pensamento, já não mais influíam. É que a memória dos escritos de jornal rapidamente se perde, a da oratória esvai-se sem calor e entusiasmo, "Verba volant". Os escritos permanecem, mas, quando encafuados no fundo da biblioteca, em tiragens pífias de algumas centenas de volumes a se diluírem entre mãos amigas ou estantes dispersas, não podem mais falar por si mesmos.

Amadeu Amaral nasceu em Capivari, Estado de São Paulo, aos 6 de novembro de 1875. Sua primeira produção, como a maioria dos escritores de sua geração, havia de ser pelos caminhos da poética. A reunião dos primeiros versos daria o volume "Urzes", por volta dos vinte anos. E aos vinte anos, quando os jovens sonhavam com castelos e donzelas, Amadeu não fazia exceção ao levantar aquele sobre a areia.

O castelo de sonho onde eu vivia,
e erguera com santo enlevamento,
veio a rolar por terra, enfim, um dia
num doloroso desmoronamento.

Não sabemos que olhos pestanudos ou que marmóreo rosto fizeram ruir os sonhos. O certo é que Amadeu, lançando sua obra poética num final de século que se apagava, colhia louros, ao lado de produções jornalísticas, que começavam a se estender às principais revistas da época. Mas a recidiva poética, em volume, só viria onze anos mais tarde, com a publicação de "Névoa".

Publicado o volume inicial, ao império dos três titãs parnasianos — Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira reconheceram, alguns críticos, na sua poética, vislumbres simbolistas, pois ela surgia ao mundo um ano após a morte de Cruz e Sousa e não se mostrava estranho, à técnica e à atmosfera do movimento, que teve nele a sua grande figura.

"Névoa" será o seu livro de confluência e em alguns de seus sonetos, segundo João Pacheco, o vate atingiu "o momento lírico mais alto de toda a sua obra poética", que ainda alcançaria dimensões mais serenas em "Espumas" e no livro "Lâmpada Antiga", onde o soneto "Em que se considera a vida como semelhante à lavra da terra" poderia ser um retrato do próprio poeta, na sua luta de cada dia.

"A terra dura; o sol bravo; a geada
destruidora; aves más e más formigas
assolam tudo, e a planta acarinhada
mal resiste a essas forças inimigas.
Que importa! Lavra sempre. Não maldigas
a terra ingrata. Não maldigas nada.
Talvez um dia o preço das fadigas
brote no sulco da robusta enxada.
Mas, quanto mais a terra ingrata, e bravo
o sol, e as aves são cruis, e o resto,
mais valor mostrarás em continuar.
Que gentileza não viver escravo
de ganância, e plantar só pelo gesto
religioso e sereno de plantar".

Sim, o gesto religioso e sereno de plantar no mundo das letras, sem ambição, pelo só sentido de realizar um sonho e transmitir mensagem construtiva, foi o seu ideário principal.

Em Olavo Bilac "que, como um Deus, abriu no céu de nossa poesia, a esteira de ouro da "Via Láctea" (1), teve Amadeu um modelo e ensinamentos permanentes. Morto Bilac, pensou-se em não se lhe dar um poeta, por sucessor, na Academia Brasileira de Letras, porque nenhum parecia digno de sentar-se na gloriosa cadeira.

Acolhido, porém, na Casa de Machado de Assis, no discurso com que reverenciou a Bilac, não para "substituir", mas para "suceder-lhe na vaga de acadêmico", Amadeu Amaral proferiu uma das mais comovidas obras oratórias, modelo para recepções acadêmicas e na qual traça o perfil do prosador, do patriota e do grande poeta e nos entremostra, no testemunho da sua admiração, as raízes da sua própria filiação poética e espiritual.

A Atividade Jornalística

Marcou profundamente a vida de Amadeu Amaral a sua atividade jornalística. Consta que aos seus 14 anos, quando ocorreu a Proclamação da República, escreveu de São Paulo longa carta a sua mãe, entusiasmado com o feito. A missiva provocaria um "Furo" jornalístico na provinciana Capivari. O pai quis lançar às pressas edição especial de um jornalzinho local, já atrasado de dias, e o irmão afobando-se na impressão das folhas, decepou os dedos da mão direita. Em meio à desgraça, entretanto, espocavam fogos pela euforia do acontecimento.

Aos 17 anos Amadeu inicia-se de fato no jornalismo e dele nunca mais pôde arredar pé. Liga-se ao "Correio Paulistano", para depois passar à "A Platéia", ao "São Paulo" e ao "O Comércio de São Paulo".

Em São Carlos fundou — fato inédito — um jornal para criança, que não conseguiu empinar. Em verdade, manteve sempre acesa a preocupação pela infância, a qual transparece em várias de suas produções literárias entre essas na conferência "Cuidar da Infância" (2) e, quase no final de vida reincidiu na tentativa com o lançamento de publicação especializada, que não passou de cinco números: "Malasartes", quase um natimorto.

Em 1909, funda-se a Academia Paulista de Letras, e, desde os seus nascedouros, Amadeu teve papel de destaque envolvendo-se nas polêmicas que as idéias sobre a sua constituição despertaram. Fundou a cadeira 33, a que nos orgulhamos de pertencer hoje e dirigiu esta instituição cultural, como seu Presidente.

O ano de 1910 é marcante para Amadeu Amaral, assinalado que foi pela sua entrada para a tradicional organização da imprensa "O Estado de S. Paulo", a chamado do eminente jornalista Júlio de Mesquita. Pode, então, nas colunas desse órgão, dar vazão a muitos dotes de um espírito versátil, servido de sólida cultura. Autodidata, mas consciente do papel que o verdadeiro homem de imprensa pode exercer junto à opinião pública, perfilhou, durante sua atuação, grandes temas e bateu-se pelas causas e aspirações legítimas da vida nacional.

E, mesmo durante breve interregno no Rio de Janeiro, nunca interrompeu sua colaboração naquele órgão, tão profundamente identificado com as lutas da nossa formação político-social.

O papel de Júlio Mesquita — em nossas letras, afora a própria atuação, combativa, mas orientadora, há que ser estudado, naquele aspecto em que se tornou o mestre de um estilo de jornalismo para todo um grupo de jovens que dele se acercavam, pelo estímulo que levou à criação de algumas obras importantes da nossa literatura entre as quais as de Amadeu Amaral, Leo Vaz, e tantos outros e, indiretamente, por ter confiado a um jovem reporter, Euclides da Cunha, a tarefa de mandar dos sertões baianos, as notícias sobre a insurreição dos conselheiristas e sobre a Guerra de Canudos...

No que foi, na intimidade e em alguns aspectos, a vida jornalística de A. Amaral da qual jamais se dissociou a marca de compreensão humana no trato com os amigos e companheiros, valem as palavras de Paulo Duarte, no lapidar estudo no pórtico de "Tradições Populares", seu retrato físico e espiritual.

"Amadeu era um homem profundamente sereno, Alto, magro mas espadaúdo, cabelo e pele claros... denunciava a sua serenidade até no andar. Olhos azuis, garços, muito grandes, davam impressão de estar olhando ao longe mesmo quando fitava alguém. Sua voz era um pouco rouca, sempre baixa e muito calma, e tomava uma grande agressividade quando conversava, falava em público ou lia versos ou prosa em voz alta, o que gostava muito de fazer. Até fins de 1917 ou 1918, usava grandes bigodes, como era moda, trambolho de que se libertou, dando ao rosto a sua verdadeira expressão de tristeza tranquila.

Era proverbial a sua bondade. Não há quem se lembre de haver ele levantado a voz a quem quer que fosse. Nunca falava dos seus desafetos, todos gratuitos, a não ser para ressaltar um traço positivo. Mesmo dos mais rancorosos, que os teve inexplicavelmente, ódios que eram sobretudo o reflexo da sua posição em "O Estado de S. Paulo", e por motivos políticos de que Amadeu foi sempre absolutamente estranho. Os seus escritos, em prosa ou em verso, ressaltam esse amor pelos homens, pelos animais e pelas coisas, que se estendia até às árvores e às pedras da rua.

Os Estudos da Cultura Popular

Vários de seus artigos apareceriam, ainda, em revistas como "A Cigarra", "Vida Moderna", "Revista Americana", "Revista do Brasil" e puderam chegar até nós como integrantes de suas obras "Arredores da Crítica", "Elogio da Mediocridade", "Crônicas e Estudos".

Também de uma série de rodapés em "O Estado de S. Paulo" inspirados no seu entranhado interesse pelos temas brasileiros, nasceriam as "Tradições Populares" e "O Dialeto Caipira".

Cabe, a esta altura, destaque especial a esta preocupação de Amadeu Amaral, como pesquisador de fontes de inspiração populares e pelo seu cauteloso levantamento do linguajar paulista. Nesse trilha imaginou fundar em São Paulo um museu de folclore para nele colecionar materiais que começavam a desaparecer, tais como bruscas dos tropeiros, "canastras de couro cru", marchetadas de tachinhas, catres, potes, rosários de contas de lágrimas, pitos de barro com caretinhas, tripeças, santos de barro...", coisas importantes para o levantamento de nossas tradições e cultura popular, mas que seriam tachadas mais tarde, por um governante paulista, de "bugigangas" estorvativas. (3).

> *"O Dialeto Caipira é das mais valiosas pacientes e originais contribuições aos estudos linguisticos do nosso português. Importante sua contribuição à fixação de novos vocábulos e formas de dizer populares que vieram enriquecer o idioma."*

No pórtico daquela obra, ele inscreveria, entre outros nomes de Valdomiro Silveira e Cornelio Pires. Se o livro fosse publicado muito mais tarde, talvez incluísse os nomes de Mário de Andrade, Monteiro Lobato e Alceu Maynard Araújo entre aqueles que mergulharam as mãos no rico filão da pesquisa folclórica.

O "Dialeto Caipira" é das mais valiosas, pacientes e originais contribuições aos estudos linguísticos do nosso português. Felizmente Paulo Duarte, o apaixonado conhecedor da obra do escritor, tirou do olvido, por algum tempo, tanto "Tradições Populares" quanto "Dialeto Caipira", na edição definitiva que lhes deu e pelos substanciosos prefácios, os quais com certeza jamais estarão ausentes, toda vez que Amadeu Amaral for estudado.

Importante sua contribuição à fixação de novos vocábulos e formas de dizer populares, que vieram enriquecer o idioma. Este, destacado do velho Portugal para as terras de ultramar, sofreu entre nós inúmeras influências e, através dos anos, se modificou. Muitos vocábulos se conservaram, entretanto, aqui, vivos, de uso corrente, enquanto em Portugal viravam formas arcaicas. Assim, muitas expressões e étimos da linguagem popular corrente no Brasil, linguagem caipira, representam formas puras do português antigo. O registro de inúmeros termos, citados em recente artigo de Terezinha Bartholo e pinçados na obra de Valdomiro Silveira, comparativamente, remontam a arcaísmos portugueses. Entre esses: alembrar, antão, despois, dereito, escuitar, fermososo, fruita, percisar, pregunta, quaji, etc. Referidos estão catalogados, na dialetologia de Amadeu Amaral, através de método objetivo de levantamento e pesquisa de fontes, que possibilitam estudos das nossas raízes linguísticas, permanências e influências na língua mãe. Estas, comprovadas em larga região, entre a população rural paulista, refletiram-se, também, nas obras regionais de nossa literatura, como as de Valdomiro Silveira e Cornélio Pires, entre outras. E causará estranheza aos menos avisados e desconhecedores dos mistérios da nossa bela lingua portuguesa que, formas "acaipiradas" da fala paulista estejam legitimamente avalizadas pelo prestígio de velhos léxicos, entre os quais o Morais e permaneçam nas obras de sabedores do castiço vernáculo como Camões, Gil Vicente, Garret, Herculano, Camilo, entre tantos.

Embora ele próprio, em trabalho de ficção "A Pulseira de Ferro" (1920), não se revelasse o modelo de escritor regional, pela linguagem que haveria de caracterizar outros representantes desse ciclo, estes com raízes aprofundadas na fala de larga faixa da população rural, seus estudos da cultura popular e dialetologia despertaram interesse, chamaram atenção e deram dignidade dicionarística, elevando à categoria lexicográfica, como legítimas, milhares de expressões, vocábulos e variantes, desprezados pelos escritores do país, que teimavam, a pretexto de purismos vernaculares, em manter-se enclausurados em formas mais requintadas de comunicação e vocabulário, mesmo quando estes, em absoluto, refletiam legítimos sentimentos e características das personagens, as cores nativas do ambiente ou os traços rudes, mas inconfundíveis, da natureza que pretendessem retratar.

Assim, se o conto "Rabicho" (1891), de Valdomiro Silveira é o marco pioneiro do nosso regionalismo, na tentativa de reprodução da fala roceira, os estudos da Amadeu Amaral representam uma consolidação dialetológica, não no sentido de nova língua, mas voltada para as próprias e legítimas vertentes do vernáculo, buscando seu enriquecimento e adequação ao novo mundo que se forma em terras do Brasil. E ele afirmaria, categórico e convicto:

"Um povo, enquanto não forma a "sua" língua, aquela que lhe é peculiar, aquela em que é capaz de vazar a sua alma, que lateja do seu sangue, vibra das suas paixões, reluza todas as cores e todos os matizes do seu sentimento, ainda não tem personalidade completa, nem bastante consciência de si mesmo".

Nos trabalhos que pacientemente pesquisou, nos escritos em prosa e verso, nos ensinamentos dos seus discursos, transparecem um sentido de coerência e unidade, o culto à forma, e o tributo e respeito aos valores positivos do espírito, dentro, porém, daquela concepção que o animou e esculpiu-se em seus versos:

"O sonho de beleza, esse estado de graça não
se fixa jamais: move-se com a vida. A
obra surge e resplandece. Ele prossegue e passa.
E a obra viva e perfeita a que não foi concluída.

Amadeu Amaral

(1) Múcio Leão: "Discurso".
(2) Proferida em Ribeirão Preto, 1920.
(3) Paulo Duarte — Prefácio a "Tradições Populares".

Os Saudosos Companheiros de Redação

Como no trabalho anterior em que recorda seus companheiros de Redação, o jornalista RODRIGO SOARES DE OLIVEIRA lembra aqui um dos redatores do "Estado", Manuel Lopes de Oliveira Filho, que se incumbia dos assuntos agricolas versados no jornal.

Em 16 de julho de 1926, no Restaurante Palhaço, sentados, da esquerda para a direita: Breno Ferraz do Amaral, Hormisdas Silva, Caetano Miele, Vicente Ancona Lopes, Ricardo Figueiredo, Léo Vaz, José Maria de Barros, Manequinho Lopes e Sud Mennucci; de pé: Martins, Julio Rodrigues, Jose Miranda, Marcelino Ritter, Saes, Juvenal Luz, Alberto Siqueira Reis, Nelson Tabajara de Oliveira, Rui Nogueira Martins, Jose de Freitas Rocha, Horacio Krugger de Andrade, Jose de Oliveira Orlandi, Antonio Teixeira Mendes o Octacilio Silveira de Barros.

Embora constituida de um grupo de jornalistas, cujo número ia pouco além da casa dos 50, a redação do "Estado", em 1940, era tida como uma das maiores então existentes. Os redatores não trabalhavam em salão comum, como hoje. Cada secção tinha sua sala, que agrupava a respectiva chefia e seus componentes. Esses compartimentos estanques, entretanto, não dividiam a redação em grupos homogêneos segundo a constituição de cada um. Pelo contrário. A principal característica desse grupo de profissionais, de cultura e formação diversificada era precipuamente a união. Embora labutando sob o mesmo teto, anos e anos a fio, num ambiente sadio, alegre, sempre humano, não sei explicar o por quê das constantes e festivas reuniões, promovidas, às vezes sem motivo aparente. Qualquer ocorrência um aniversário, retorno de férias, reassunção de cargo, viagem dava ensejo à promoção de uma ceia, no restaurante "Carlino", no "Palhaço", (onde está hoje a Casa de Armas "Ao Gaucho", na av. S. João) ou no Clube Pinheiros (à rua D. José de Barros) ou em outra casa de pasto. Sempre regada a bom vinho e cheio de discursos. Alguns mais céticos afirmam que essas reuniões não passavam de meras desculpas de empedernido grupo de bons boemios, sempre prontos a aderir sem contestação e sem indagar da justeza da homenagem, a toda e qualquer manifestação nesse sentido. Talvez uma horas de alegre convivência, alguns bons pratos e capitosos vinhos justificassem mais a presença de muitos do que o próprio motivo da reunião. Boemia ou não, a única justificativa era a reunião em si. O motivo era secundário. Confraternização, um bom papo. Nada mais.

Dentre essas reuniões, a que tinha um caráter diferente, constituindo uma homenagem do "Estado", a seu corpo de redatores, era promovida pela diretoria no restaurante "Palhaço", na noite de 4 de janeiro, aniversário do jornal. Seguindo a tradição,o dr. Julinho abria a reunião, falando sobre a data e agradecendo a colaboração de todos. Falavam em seguida, ou o Julio Rodrigues ou o prof. José Maria de Barros, ambos dotados de excelentes dotes oratórios. Depois tinha a palavra o "seu" Luz, Júvenal Luz, chefe dos contínuos. Um discurso do último "fóca" encerrava a cerimônia. O pessoal só deixava o recinto dia claro...

Essa tradição foi interrompida durante a ocupação do jornal e restabelecida logo depois, porém dentro da própria redação.

O desaparecimento dessa verdadeira tradição, explica-se, acredito, inicialmente, pela mudança da redação da rua Boa Vista para a Barão de Duprat, ficando a sede do jornal distante do centro, onde se situavam e ainda estão localizados os principais restaurantes. Também pelo desaparecimento de colegas que mantinham esse costume e sua substituição por outros não muito afeitos a noitadas. Pode-se aduzir mais este argumento: Até a década de 30 e mesmo até a de 40, jornalista era sinônimo de boemio. Não era raro ouvir-se expressões como esta: "... é um otimo sujeito, educado, de boa família, culto, escreve muito bem, mas — é pena — tem um grande defeito: é jornalista e, como tal, um boêmio que fará sofrer a mais santa e conformada das mulheres ..." O crescimento do jornal passou dos 50 profissionais de antigamente a ter hoje, só na sua redação, mais de 450 pessoas também explica o desaparecimento das reuniões. Reunir essa turma toda de horário diferentes e conseguir local, pela madrugada, para um "puxado" regabofe são coisas bem dificeis.

Manoel Lopes de Oliveira Filho

Manoel Lopes de Oliveira Filho foi outra figura inesquecível da redação do "Estado". O O.F. de "Assuntos Agrícolas", o saudoso Manéco, apelido familiar como era chamado pela turma da redação, tem seu nome intimamente ligado à história do jornal e é com imensa saudade e com todo o carinho e respeito que aqui volto a recordar esse velho amigo e companheiro. Cientista, estudou em Zurique, Manéco era chefe do Departamento de Entomologia do Instituto Biológico de S. Paulo. Como jornalista, escrevendo semanalmente no "Estado" e como cientista, pesquisando nos laboratórios da repartição, participava intensamente da vida agrícola do País e mais particularmente da do Estado de S. Paulo.

Empenhado até o pescoço na campanha de debelação da broca do café e de outras pragas que infestavam a lavoura, O.F. jamais deixou de responder a uma carta pedindo conselho ou orientação no combate a algum inimigo da lavoura, no tocante à epoca de plantio, poda ou enxerto, adubação ou colheita, enfim, prestava o mesmo excelente serviço que o atual Suplemento Agrícola dispensa a todos os seus consulentes. As gavetas de sua mesa estavam sempre repletas de recipientes contendo insetos que ele os classificava e informava ao lavrador a evolução da larva, sua transformação, os danos que causa à plantação e a receita para combater o mal.

Como cientista, escrevia mão e rapidamente. Tinha mesmo certa ojeriza em citar, em seus rodapés, nomes complicados de pragas em plantas como por exemplo "perileucoptera cafela" ou "geocoris", o conhecido bicho mineiro que ataca os cafezais e o percevejo do algodão. Justificando, dizia: "Eu escrevo para o caboclo e ele me entende. E o suficiente". Um dos seus artigos saiu publicado, certa vez, com pequeno erro decorrente de pontuação. O artigo seguinte veio, como sempre, escrito a mão, (Maneco tinha caligrafia firme, mas despreocupada) porém, sem nenhuma pontuação. Anexo, duas laudas, de alto a baixo, repletas de todos os sinais e pontuação com a observação final:"Usem e abusem e..."

Leo Vaz revia os escritos do Manéco e punha a casa em ordem.Certa ocasião, quando trabalhava no Rio, com o prefeito Antônio Prado, reclamou do Leo a publicação de certo trecho de"Assuntos Agrícolas". A gramática ali estava impecável, porém certos conceitos pareciam um pouco confusos, essa a reclamação. Não menos mordaz, Leo Vaz aguardou a chegada de outro rodapé que saia às quintas-feiras.E então, transformou o artigo do O.F em verdadeira obra prima, num português escorreito, sem se desviar do tema Manéco não se deu por vencido Do Rio, escreveu uma carta ao dr. Julinho e outra ao Léo Naquela desancava este, chamando-o de deslavado plagiador de Machado de Assis, pernóstico e perseguidor dos talentos que afloravam na redação e que lhe podiam fazer concorrência. Terminava por afirmar que tinha a certeza de que o dr Julio também fazia tal juizo a respeito do Léo. Na carta dirigida a este, criticava asperamente a orientação dada ao jornal pelo dr. Julio, dizendo que estava de pleno acordo, com ele, Leo, quando se batia pela necessidade de se fazer isto ou aquilo para o jornal voltasse ao que era, recuperando o terreno perdido. Em seguida, trocou, propositadamente, os envelopes...

> *"Dentre essas reuniões a que tinha um caráter diferente, constituindo uma homenagem do "Estado" a seu corpo de redatores, era a promovida pela diretoria na noite de 4 de janeiro, aniversário do jornal. Seguindo a tradição, o dr. Julinho abria a reunião falando sobre a data e agradecendo a colaboração de todos."*

O Jornalista

Versatil ao escrever, Maneco tratava de tudo em "Assuntos Agrícolas" de moda feminina, reforma ortografica, carvão, ferro, petróleo, mas sempre fazendo uma conexão ou dando uma explicação convincente:

A propósito, escrevia "O que é que tem o ferro com a agricultura? — perguntarão. A foice, o machado, a enxada, o arado, o trator, a locomotiva, o automóvel, o canivete, o diabo enfim, nada, nada sem o ferro existiria. Sem o ferro não existiria o livro. A fabricação do papel, desde a derrubada das árvores para obter a celulose, a indústria tipográfica, a máquina de costurar os cadernos, até o parafuso das cadeiras, onde o analfabeto se senta para aprender a ler, dependem do metal, rei do progresso. Até a pena com que se escrevem verdades, calúnias e asneiras, se não é de aço não escapa à dependência do Ferro, quando de ouro". E, vaticinando: "Calcule-se o Brasil com ferro e com petróleo! Passa de pato a ganso em três pulos, vai a cisne em quatro, sacode a alpercata da miséria e calça-se de pelica de couro de bode preto, larga o pito de Nha Tuca e vira nação gente"...

Quando prefeito do Distrito Federal, Antonio Prado Junior levou Manoel Lopes de Oliveira Filho para o Rio. Com liberdade de ação, uma das condições impostas, Maneco organizou a Inspetoria Florestal do Distrito Federal, investido que foi no cargo de inspetor chefe. Fez prodígios na antiga capital do País, transformando toda a orla marítima em aprazível logradouro, todo coberto de alegre e vistosa vegetação Retornando a São Paulo, o convite do então prefeito paulistano Fabio da Silva Prado, reformou e embelezou vários logradouros públicos, criando, para tanto um modelar Parque, no Ibirapuera, hoje. "Parque Manequinho Lopes", para produção de mudas. Assim, à testa do Departamento de Parques e Jardins, transformou inteiramente a atual Praça Marechal Deodoro, cobrindo toda a extensão da parte ajardinada de um verdadeiro tapete de rosas de todas as qualidades e cores. Dizia-se, então, que a perdurar a iniciativa do Maneco, em pouco tempo aquele logradouro público cederia seu nome para "Praça das Rosas". Sempre com idéias novas, nunca deixou de dar vasão a sua instintiva predisposição pelo belo. Na ladeira que liga a praça Antonio Prado à rua Líbero Badaró — ao lado do Banco do Brasil e Prédio Martinelli — Maneco após ajardinar todo a espaço central disponível, fez figurar com vasos de flores, das mais variadas cores, o dia do mês. De longe, da avenida São João, era possível certificar-se o dia do mês, na numeração pintada de vivas cores com flores de matizes fortes, destacada no centro de um retângulo ou de um círculo formado por flores de cores diferentes e contrastantes. Esse local, constituiu durante muito tempo um agradável atrativo e não poucas pessoas desviavam seus passos para apreciar a imaginosa distribuição de flores que entravam na composição da genial idéia de Manoel Lopes de Oliveira Filho. O trabalho de substituição das datas era feito de madrugada, por funcionários da Prefeitura, sob sua orientação. Lembro-me da amargura com que O. F. recebeu a notícia da derrubada de algumas palmeiras imperiais, no Anhangabaú, para ceder lugar a construção do atual Viaduto do Chá, tal era o seu amor à planta. Ainda outro fato que vem confirmar essa bela qualidade do Maneco: Uma senhora escreveu-lhe pedindo conselhos e informações detalhadas sobre plantação de palmitos, inclusive o tempo, que essa planta leva para atingir a idade adulta, isto é, a do corte. Oito anos depois, volta a mesma senhora reclamar de Maneco, dizendo que decorrido tempo superior ao previsto — cinco anos — a planta tinha atingido apenas a metade do crescimento. Maneco respondeu-lhe com outra pergunta: "A sra. plantaria esses palmitos se soubesse de antemão que essa planta leva 15 anos para atingir seu pleno desenvolvimento?

O Cientista

Logo após seu falecimento, alguem do "Estado" informou-me que Maneco, atendendo a pedido de instituto ciencífico da Alemanha, remetera para aquele país, não sei se para tanto recorrendo-se ao dirigivel "Graf Zepellin" ou ao irmão deste, o "Hidenburgo" ou a outro meio de transporte, um formigueiro em plena atividade, colocado dentro de uma especie de redoma de vidro e cercado de todos os cuidados a fim de que as sauvas, das do tipo "cortadeiras", chegassem ao seu destino bem vivas. Disse-me mais o informante que até um dispositivo, funcionando como uma especie de bússola, mantinha a posição do "olho" do formigueiro sempre voltado para determinado quadrante.

Não consegui confirmação dessa remessa "suí-generis", entre contemporaneos do Maneco. Dotado de verdadeiro talento, naturalista nato, com trabalhos sobre a formiga cortadeira brasileira, que figuram entre os melhores sobre o genero existentes no mundo; entomologista da comissão de debelação da praga cafeeira; assistente tecnico da Secção de Entomologia do Instituto Biologico; diretor da Inspetoria Florestal do Distrito Federal; organizador do primeiro serviço metodico de combate às formigas cortadeiras; chefe do serviço cientifico do mesmo Instituto Biologico; chefe da Divisão de Matas, Parques e Jardins da Prefeitura de S. Paulo; membro nato do Conselho Florestal do Estado, com tantos títulos, com tamanho acervo de reais serviços prestados à agricultura, à pecuária e setores correlatos e, ainda mais, dominando com facilidade a lingua alemã e mantendo assiduo contato com seus colegas daquele país, é de todo possível que Maneco, que gostava de trabalhar no anonimato, e que tinha verdadeira idiossincrasia pela bajulação, tivesse realmente tomado tal iniciativa. A essas informações acrescente-se mais esta: No Instituto Biologico, no serviço de entomologia, existe, desde aqueles tempos, um formigueiro em plena atividade. A vida das formigas foi posteriormente filmada por Benedito Duarte, trabalho esse que serviu de excelente subsidio aos sucessores de Maneco na complementação de estudos a respeito. Por tudo isso, é licito dar-se crédito á informação sobre a remessa de formigas para a Alemanha.

Entretanto, quando já se haviam esgotados os recursos de que dispunha e quando já disposto a publicar esse interessante pormenor com reserva, fui informado, por funcionaria do Instituto Biológico de São Paulo que, talvez, o sr. José Pinto da Fonseca, contemporaneo do Maneco, atualmente aposentado, pudesse adiantar algo sobre o assunto. De fato, esse cientista, antigo servidor do Biologico deve ser da mesma escola de trabalho do Maneco, pois, embora aposentado, ainda frequenta diariamente esse instituto científico e estuda — confirmou a iniciativa de seu antigo colega e amigo, o que registro com satisfação.

O Bom Companheiro

Dotado de grande coração, Manéco, mais por pilhéria do que levado por um outro sentimento menos nobre, teimava em fazer-se passar por um misantropo, avesso a qualquer manifestação em que se vislumbrasse o menor resquício de solidariedade humana. De fato, quem não o conhecesse intimamente, ficaria mesmo preocupado com aquele homem, inteligente e culto, mas indiferente, tal a insistência e continuidade com que Maneco projetava essa falsa figura, a ponto de alguém, menos avisado, aceitar a imagem engendrada. Puro engano, produto de engenhoso artifício, que refletia exatamente o avesso da personalidade do cientista e jornalista. Essa imagem, ele a reforçava dia a dia dizendo: "Hoje foi um dia inútil, perdido mesmo, pois não consegui fazer nenhum inimigo". Para espicaçar e glosar esse seu velho amigo e companheiro de redação, Leo Vaz, que o conhecia intimamente, assegurou-se que se lhe fosse dado fazer o necrológio, este,lógica, honesta e necessáriamente, teria que ser iniciado com estas palavras:"Maneco, antes de tudo, era fundamentalmente um bom..."

Descendente de tradicional família de cafecultores do município de Jundiaí, transmitia a Maneco pedidos de informações de agricultores de minha terra. Assim é que, por iniciativa de meu tio Horacio Soares de Oliveira, dono da fazenda "Malota", nas proximidades da Serra do Japy, levei Manoel Lopes de Oliveira Filho até aquela propriedade agrícola, com o objetivo de proceder a uma exame do cafezal, então atacado pela broca. O entomologista percorreu a maior parte da área cultivada, apresentou ao lavrador em seguida um resumo das observações então feitas, prometendo, como realmente o fez, remeter de São Paulo um relatório mais completo sobre a disseminação da praga e os meios para combatê-la.

Maneco tinha sempre uma explicação para tudo e para todos, geralmente dando vasão ao seu gênio alegre e muitas vezes mordaz. Certa feita, numa dessas crises periódicas que afetavam os jornais e tiveram repercussão no "Estado", não me recordo se revolução ou alguma dificuldade na importação de papel, Maneco disse, sem mais preâmbulos: "É o resultado dessa situação. Aqui tem muita gente mandando. Como não bastassem os da família Mesquita, há os da família Lima e Castro e, o pior de tudo, os da família de Piracicaba...". Referia-se aos irmãos Octavinho, Paulo, Gentil e Rui de Lima e Castro, redatores do jornal e a Leo Vaz, Pedro e Breno Ferraz do Amaral, Octacilio Silveira de Barros, Marcelino Ritter, Paulo Ribeiro Magalhães, Sud Mennucci. Hélio Hoeppner e outros mais, todos eles naturais da cidade de Piracicaba

Uma tarde, Maneco contou-me que tinha vindo do médico e que "precisava entrar na faca"; que tinha relutado muito, mas o jeito era esse mesmo, concluiu. Dias depois, após ter sido submetido a delicada intervenção cirúrgica fui visitá-lo. Ele residia numa casa nas proximidades do Biologico. Ao que me contaram Maneco fôra vítima de intoxicação de laboratório. Após os cumprimentos de praxe, meu bom amigo comentou "Sabe, "Caipira" (esse o apelido que ele mesmo me pusera) quando fui operado, vi meus "miudos" Até que não são tão feios assim" Fez questão de ser operado com anestesia que lhe permitisse assistir a todo o desenrolar da intervenção. Faleceu logo depois, deixando uma saudade imensa naqueles que o conheceram intimamente. Manequinho Lopes, aquele homem simples, de olhos vivos e de cabelos e longas barbas, bem brancos.

No trabalho anterior, após dar toda a composição da redação do "Estado" em principio de 1940, enumerei os redatores que ainda permanecem em atividade. Por um lapso meu, nessa relação não citei Carmem de Alemida, a Carminha ou Capitu falecida há pouco. Carminha era tradutora. Outra comissão, não inclui o nome de João Caldeira Filho, professor caterático do Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo (história das artes e história da música), membro do Instituto Histórico e Geográfico e da Academia Brasileira de Música, agraciado com a Ordem das Letras e das Artes pelo ministro de Cultura da França. Esse bom amigo ainda mantém a sua apreciada coluna de crítica musical.

> *"Manoel Lopes de Oliveira Filho figura foi outra inesquecível da redação de "O Estado". O O. F. de Assuntos Agrícolas, o saudoso Manequinho Lopes, como era chamado tem seu nome intimamente ligado à história do jornal. Cientista, estudou em Zurique e foi chefe do Departamento de Entomologia do Instituto Biológico de São Paulo. Como jornalista, semanalmente escreveu em "O Estado" participando ativamente da vida agrícola do País."*